

# ESCRITA DE AUTORIA FEMININA NEGRA: REFLEXÕES SOBRE SUA IMPORTÂNCIA E INSERÇÃO NO CAMPO EDUCACIONAL. <sup>1</sup>

Taise Campos dos Santos Pinheiro de Souza<sup>2</sup>

Jailma dos Santos Pedreira Moreiras<sup>3</sup>

**Resumo:** Trata-se de uma reflexão sobre a escrita de autoria feminina negra. Com isso, buscamos discutir o processo de apagamento desta, as marcas de raça e gênero que traz e, bem como mostrar como representam um diferencial para o cânone literário e para cultura marcada pelo patriarcalismo e etnocentrismo presentes inclusive na sala de aula. Para tanto, além de teóricos e teóricas que versam sobre o tema, trazemos textos de algumas escritoras negras, como forma de pensar em uma literatura que trabalhe a questão étnico-racial a partir do olhar da própria pessoa negra, uma vez que esse sujeito, no caso o feminino, por muito tempo ficou relegado ao esquecimento, e, quando retratado, em nossa tradição literária elitista, hegemônica e europeia, por vezes foi de forma estereotipada. Dessa forma, esperamos mostrar como é relevante levar para a sala de aula a literatura de autoria feminina negra, pois nos leva a refletir e combater os mecanismos de opressão contra a mulher, especialmente a negra, e o preconceito racial e seus efeitos, que ainda cotidianamente podem ser vistos e sentidos nos espaços de formação educacionais.

**Palavras-chave:** Literatura; educação; gênero; raça.

## Introdução

Apesar da existência da lei 10.639, promulgada em 2003 que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, alterada pela Lei 11.645/08, que

---

<sup>1</sup> Uma versão desse artigo foi apresentada no I Colóquio de Prática Pedagógica e Estágio, ocorrido de 17 a 19 de maio de 2012 na Universidade do Estado da Bahia, Campus - II, Alagoinhas - BA.

<sup>2</sup> Mestranda do Pós-crítica da Universidade do Estado da Bahia-UNEB, *Campus-II*, Alagoinhas. Bolsista FAPESB. E-mail: tai\_campos@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Professora doutora do curso de Letras e do programa de pós-graduação em Crítica Cultural (Mestrado), ambos do DEDC-UNEB-Campus II - Alagoinhas. E-mail: jailmapedreira@uol.com.br

torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e também indígena nos estabelecimentos de ensino, públicos e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio, observamos que ainda é grande a carência desse ensino, uma vez que, a literatura europeia, portuguesa, enfim a literatura “branca” sempre foi o único referencial para os professores, sempre foi prioritária nos livros didáticos. Nesse contexto, muitos professores encontram dificuldades em levar a literatura negra para a sala de aula, talvez pelo desconhecimento de referencial teórico ou pelo fato de que ainda resistem a essa ideia, por estarem acomodados e acostumados a um único viés literário.

Neste trabalho damos ênfase à importância de se trabalhar com a questão étnico-racial em sala de aula, especialmente pelo “olhar” e viés do sujeito mulher negra, como forma de reflexão sobre a marginalização e esquecimento destas mulheres e suas produções, por parte de nosso cânone literário. Para tanto, trazemos textos de algumas escritoras negras, como forma de pensar em uma literatura que trabalhe a questão étnico-racial a partir do olhar da própria pessoa negra, uma vez que esse sujeito por muito tempo ficou relegado ao esquecimento, e quando retratado, em nossa tradição literária elitista, hegemônica e europeia, por vezes foi de forma estereotipada. Sendo assim, torna-se relevante e fundamental levar para a sala de aula a literatura de autoria feminina negra, pois nos leva a refletir e combater os mecanismos de opressão contra a mulher, especialmente a negra e o preconceito racial e seus efeitos, que ainda cotidianamente podem ser vistos e sentidos nos espaços de formação educacionais.

É preciso, então, se pensar em conteúdos curriculares que contemplem a inserção das vozes marginalizadas de mulheres negras, visto que a partir da leitura de mundo destas, de sua identidade negra e feminina, percebemos que estas mulheres têm muito a dizer, a contribuir para uma sociedade mais justa e mais igualitária. É necessário quebrar com um sistema de ensino básico, que ainda possui conteúdos e formas rígidas e “engessadas” por um percurso escolar histórico que delimita as áreas de conhecimento e as temáticas trabalhadas em sala de aula e que por vezes deixa de fora os discursos dos que vão contra as falas e sistemas instituídos, negando-os, silenciando-os. O autor Jurjo Santomé nos diz que:

Quando se analisam de maneira atenta os conteúdos que são desenvolvidos de forma explícita na maioria das instituições escolares e aquilo que é enfatizado nas propostas curriculares, chama fortemente a atenção a arrasadora presença das culturas que podemos chamar de hegemônicas. As culturas ou vozes dos grupos sociais minoritários e/ou marginalizados que não dispõem de estruturas importantes de poder costumam ser silenciadas, quando não estereotipadas e deformadas, para anular suas possibilidades de reação. (SANTOMÉ, 2002, p. 161)

As escritoras negras fazem parte desses grupos marginalizados, pois contribuem com a criação dos discursos do contra, fazendo literatura como forma de inovação, transgressão, diferenciação! Por isso o silenciamento de suas vozes é perceptível. É preciso quebrar com essa resistência, adentrar no universo da literatura negra, não apenas pela obrigatoriedade de uma lei, mas pela própria iniciativa do professor, uma vez que a abertura a culturas negadas, silenciadas, como a cultura negra, é que ajudará a desfazer estereótipos, quebrar preconceitos e romper com estruturas literárias pré-estabelecidas. Podemos dizer que se faz necessário quebrar com a tradição, pensar em conteúdos diferentes, dar lugar às vozes ausentes, aos grupos, às diversas culturas, neste caso, à escrita feminina negra.

Então, como fazer para que essa escrita seja reconhecida? Como romper com sua falta no campo educacional? É preciso buscar conhecê-la, dar lugar às vozes femininas negras e colocar em pauta suas contribuições literárias, seus escritos e, então, utilizar-se destes, não somente em aulas de literatura, mas na compreensão de todo um sistema social, o que inclui a educação de homens e mulheres. Quanto ao sistema educacional:

Tem que contribuir para situar a mulher no mundo, o que implica, entre outras coisas, redescobrir sua História, recuperar a voz perdida. Se alguma coisa os alunos e alunas de nossas instituições desconhecem é a história da mulher, a realidade dos porquês de sua opressão e silenciamento. Estudar e compreender os erros históricos é um bom antídoto para impedir que fenômenos de marginalização como esses continuem sendo reproduzidos. (SANTOMÉ, 2002, p. 172).

É com esse intuito que propomos, neste texto, uma reflexão sobre a escrita de autoria feminina negra, buscando perceber, através desta, o processo de opressão sofrido pelas mulheres, especialmente as negras, como também a luta e resistência desse sujeito social. Portanto, é imprescindível ao professor (a) conhecer, refletir sobre esse processo, como também levar essa reflexão para a sala de aula, contribuindo com a formação crítico-reflexiva de seus alunos.

**O gênero, o social e o racial: importantes marcadores no processo de escrita de autoria feminina negra.**

Vivemos em uma sociedade patriarcal em que a mulher, na maioria das vezes, tem importância minoritária. Para a mulher negra este problema se agrava e o preconceito torna-se ainda maior, pois além da questão de gênero, a raça torna-se fator marcante para que se agrave tal situação. Ainda pode-se atrelar a esses dois fatores a questão da classe social. Desse modo, a mulher negra e pobre é triplamente marginalizada, discriminada, excluída.

Antes, porém, de nos atermos mais profundamente às implicações que o fator da raça gera na vida dessas mulheres é preciso definir e discutir o seu conceito dentro de uma acepção que compreendemos ter uma significância no contexto da discussão em pauta. Sendo assim:

“Raça” é um conceito que não corresponde a nenhuma realidade natural. Trata-se, ao contrário, de um conceito que denota tão somente uma forma de classificação social, baseada numa atitude negativa frente a certos grupos sociais, e informada por uma noção específica de natureza, como algo endodeterminado. A realidade das raças limita-se, portanto, ao mundo social. (GUIMARÃES, 1999, p.11)

Assim como as desigualdades de gênero eram e ainda são justificadas por conceitos naturalistas determinantes, as diferenças raciais também seguiram este caminho. Por isso, surge a necessidade de se pensar as raças, de significá-las no âmbito das construções sociais, que são em seu “bojo” carregadas de ideologias, que por vezes tem como função manter e reproduzir certos sistemas socioculturais. Desse modo, a sociedade por muito tempo mascarou, e ainda por vezes mascara, os preconceitos de raça baseados em diferenças naturais dos indivíduos, o que nos faz perceber que: “O racismo é, portanto, uma forma bastante específica de “naturalizar” a vida social, isto é, de explicar diferenças pessoais, sociais e culturais a partir de diferenças tomadas como naturais” (GUIMARÃES, 1999, p.11).

É preciso saber que todo o processo de exclusão do negro foi construído historicamente, uma vez que mesmo depois da abolição da escravatura o negro ficou à margem, relegado a um sistema social que não lhe proporcionou oportunidades de uma efetiva introdução e intervenção dentro dessa sociedade, o que impôs aos negros a situação de subalternidade, e hoje essas marcas históricas ainda são evidentes em nosso contexto sociopolítico e cultural, o que traz para esse indivíduo sérias implicações:

[...] a falta de políticas públicas efetivas para reverter a situação marginal dos negros na sociedade brasileira acabou por produzir a ordem hierárquica diferenciada entre brancos e negros, ampliando as desigualdades sociais e nutrindo uma série de tropos sociais para a raça. (GUIMARÃES, 1999, p. 66)

É interessante que o (a) professor (a) esteja “a par” desse processo histórico de marginalização dos indivíduos negros, que os excluiu por muito tempo de nossa sociedade, e que, ainda, por vezes, os exclui através de menores oportunidades de acesso ao estudo, trabalho, entre outros direitos humanos, que por vezes são camufladamente negados. E é ainda mais interessante que o (a) docente discuta profundamente sobre essas questões em sala de aula, de modo que leve os sujeitos alunos, muitos deles indivíduos negros (as), em grande parcela no sistema educacional público, a construir uma posição crítica diante dessa problemática social.

Esse problema do preconceito, das desigualdades se agrava, quando entram em cena as mulheres negras, uma vez que a opressão/inferiorização sobre estas se dá de forma mais ferrenha, aliando a sua condição de mulher ao seu pertencimento racial, embutindo aí, muitas das vezes, também a classe social a que pertence. Sobre essa questão da opressão Vera Baroni nos diz que:

Eu juntaria ainda a questão da opressão que as mulheres brancas não experimentaram igualmente como experimentaram as mulheres negras historicamente. Elas sempre foram vítimas da opressão, elas sofriam como as mulheres brancas os efeitos do patriarcado, mas o diferencial é que as mulheres negras além de tudo sofreram uma opressão pela sua condição de mulher negra que as brancas não experimentaram. (BARONI, 2006, p.23)

A constatação desse duplo preconceito sofrido pelas mulheres negras nos leva a refletir sobre a exclusão que estas sofreram nas diversas esferas de nossa sociedade e como essa exclusão histórica as invisibilizou. Por isso é preciso dar ênfase, apontar criticamente:

(...) a dupla situação de discriminação e preconceito a que são submetidas as mulheres negras, que vivenciam em seus cotidianos situações onde racismo e sexismo se cruzam, agravando ainda mais a experiência da exclusão social em todos os âmbitos da sua vida. (FALU, 2006, p.10)

Sendo assim, percebe-se que as mulheres negras ficaram desvantajosamente condicionadas às hierarquias de gênero, raça e, na maioria dos casos, também de classe. É então que entra em questão a marginalização histórica das mulheres negras e uma das principais implicações causadas por esse processo, que é a negação do direito à palavra a essas mulheres.

No texto de Laura Padilha (1999), *Silêncios Rompidos: A produção textual de mulheres africanas* pudemos ver que a produção textual de tais mulheres é fruto de um processo de dificuldades e lutas, já que a pertença da palavra sempre foi delegada ao homem branco:

Quanto à produção de mulheres, [...] o acesso a texto verbal lhes era duas vezes barrado: por serem mulheres e africanas. Encher de palavras o silêncio histórico foi para elas uma árdua e difícil conquista. (PADILHA, 1999, p.513)

Podemos dizer que esta repressão às escritoras africanas estende-se a outras inúmeras mulheres negras. A opressão de gênero exercida pela sociedade é que tenta conferir à mulher a condição de passividade. Essa opressão aliada às condições sociais e raciais existentes em nosso contexto faz surgir uma multiplicidade de padrões socioculturais. É nesse momento que escritoras negras, tocadas por tais marcas sociais, vêm, através de sua escrita, (re) significar esses padrões e dar à mulher um novo patamar, em que esta não se mostra alienada e passiva diante de tantos fatores advindos de uma sociedade excludente, hegemônica e elitizada. Com isso, buscaram lutar, e ainda buscam/lutam contra esse sistema, através de práticas de resistência, através de sua escrita, que se torna uma prática transgressora da mulher em relação aos padrões socioculturais estabelecidos, em relação às formas de anular sua força, sua fala, como podemos ver, por exemplo, em *Boletim de Ocorrência*, de Alzira Rufino <sup>4</sup>, publicado em 1988:

Mulher negra,  
Não para  
Por essa coisa bruta  
Por essa discriminação morna,  
Tua força ainda é segredo,  
mostra tua fala nos poros  
O grito ecoará na cidade,  
Capinam, como mato venenoso,  
a tua dignidade, [...]  
Tua negritude incomoda  
Teu redemoinho de forças afoga  
Não querem a tua presença  
Riscam teu nome com ausência.

Mulher negra, chega  
Mulher negra, seja  
Mulher negra, veja  
Depois do temporal.  
[...]  
Transpiro a liberdade.

---

<sup>4</sup> A escritora Alzira dos Santos Rufino nasceu em Santos – SP, em 1949. Começou os estudos na área de saúde, graduando-se mais tarde em enfermagem. Notória ativista do movimento negro e especialmente do Movimento negro feminino fundou o “Coletivo de Mulheres Negras da Baixada Santista”, em 1986, e a “Casa de Cultura da Mulher Negra”, em 1990. Seu poema *Boletim de Ocorrência* e mais informações sobre sua vida e produção podem ser encontrados no site [http://www.casadeculturadamulhernegra.org.br/alzira\\_poemas.htm](http://www.casadeculturadamulhernegra.org.br/alzira_poemas.htm) acessado em 28 de dezembro de 2011.

Como se pode perceber, o eu poético de *Boletim de ocorrência* expressa e convoca a voz de milhares de mulheres negras, que lutam contra o preconceito e a discriminação, que mostram sua força e seu valor. A busca pela emancipação e reconhecimento da presença negra feminina se faz presente nos versos proferidos. Em grande escala a escrita marginal feminina negra traz em seu bojo questões sociais que revelam marcas identitárias de mulheres negras. Essa escrita mostra-se, então, engajadamente política, feminista e contestatória, uma vez que traz em si um tom de denúncia e de ação. Mais uma vez ratificamos que:

É necessário um entendimento da opressão peculiar das mulheres negras em contraste com a das mulheres brancas. Esta discussão deve ocorrer levando em conta uma sociedade na qual privilégios- de raça, de classe ou de sexo- significam poder e a desigualdade é integrante da organização social. (SOARES, 2000, p. 275)

Por isso, consideramos a escrita de autoria feminina negra um recurso impactante e de cunho social muito representativo, que deve ser explorado da melhor maneira possível em sala de aula, visto que não é uma escrita qualquer, mas é, por sua vez, uma escrita diferencial, que se faz pelos menos favorecidos, pelos excluídos da história, pelos silenciados e explorados.

Outro exemplo dessa escrita é a da autora Conceição Evaristo<sup>5</sup> (1990). O poema abaixo *Vozes-Mulheres* serve como instrumento de denuncia das injustiças socioculturais sofridas pelas mulheres, principalmente negras. Evaristo, através do eu poético, faz uma retomada histórica, analisa o presente, abrindo uma perspectiva para o futuro, em que a mulher criticamente pode lutar por um espaço social digno, exercer sua luta, através da fala e da ação, em busca de uma autonomia e liberdade antes negadas. A autora nos mostra que, a escrita pode ser uma ferramenta de questionamento, de luta política, histórica e social, em favor da mulher e da (des) construção de gênero e da subalternização imposta às mulheres:

A voz de minha bisavó  
ecoou criança  
nos porões do navio.  
ecoou lamentos  
de uma infância perdida.

---

<sup>5</sup> Conceição Evaristo de Brito, nasceu em Belo Horizonte – MG, 1946. Graduiu-se em Letras pela UFRJ. É Mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio e doutora Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense.

A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela.

A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e fome.

A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.  
A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
o eco da vida-liberdade.

Torna-se perceptível, então, que: “A influência do gênero e da raça na participação dos indivíduos na sociedade brasileira produziram [...] uma expressiva literatura.” (OLIVEIRA, 1992, p. 15). Isto se deve inclusive pelo fato de ter proporcionado um conhecimento maior e mais profundo do “ser mulher” e do indivíduo negro, a partir da perspectiva desses próprios sujeitos. É notável, então, que a participação da mulher no campo literário deu um novo enfoque à sua própria imagem, promovendo, gradativamente, a ruptura de sua subalternização e do seu “silenciamento”.

Essa presença da mulher, considerando a questão da raça implicada, produziu, por parte das mulheres negras, uma literatura de consciência racial, de luta contra o preconceito e a favor da igualdade e da alteridade. Então, não há como negar que a discussão do gênero, aliada à defesa da expressão e ratificação da cultura negra, por muito tempo exclusiva e subalternizada, produziu novos “olhares”, novos conceitos em relação ao espaço que a mulher, principalmente a negra, deveria ter. A afirmação identitária da mulher negra também é uma marca muito significativa na escrita dessas mulheres, estas rompem com as representações feitas por “outros” indivíduos que se apoiam em discursos que já são historicamente pré-estabelecidos e estereotipados. A literatura das escritoras negras subalternas se faz pelo foco diferencial da



autorrepresentação e afirmação de si mesmas, como sujeitos de seus próprios discursos, é o que constatamos, por exemplo, no poema *Resgate* de Alzira Rufino, publicado em 1995:

Sou negra ponto final  
Devolva-me a identidade  
Rasgue minha certidão  
Sou negra sem reticências  
Sem vírgulas e sem ausências  
Não quero mais meio-termo  
Sou negra balacobaco  
Sou negra noite cansaço  
Sou negra ponto final<sup>6</sup>.

Podemos afirmar que os indivíduos afrodescendentes adquiriram uma nova representação a partir da literatura que se cria a partir do olhar destes próprios. Pois, sabemos o quanto a imagem da negra, e também do negro, fora constantemente retratada de forma negativa e como o preconceito racial fora escamoteado em nossa história social e também literária. Hoje podemos ter acesso a uma literatura que nos mostra a condição do afrodescendente, da mulher negra "sem máscaras" ou disfarces, que traz questões do mundo afro tocadas pela realidade cotidiana, vivida por muitos afrodescendentes, como diversos professores e estudantes do país. Sendo assim, buscar romper com um cânone literário, patriarcalmente e esbranquiçadamente instituído, se faz necessário, inclusive em sala de aula, pois dá abertura às novas vozes, a novos modos de se ver e escrever a sociedade.

### **Considerações finais**

Pudemos constatar que a escrita de autoria feminina negra trabalha pelo foco diferencial, irrompendo-se como forma de afirmação identitária, com temas politicamente engajados, em que o aspecto social está continuamente inserido, como a questão da afirmação do negro e das raízes afrodescendentes, a ação e resistência da mulher. Essa escrita constitui-se como uma forma de luta pelos direitos das mulheres, principalmente negras, e de tantos outros grupos sociais marginalizados, por isso é universal, é humanitária.

---

<sup>6</sup> O poema *Resgate* pode ser encontrado no site [http://www.casadeculturadamulhernegra.org.br/alzira\\_poemas.htm](http://www.casadeculturadamulhernegra.org.br/alzira_poemas.htm) acessado em 28 de dezembro de 2011.

Portanto, ratificamos o quanto é importante conhecer e refletir sobre a escrita de mulheres negras, inseri-la, efetivamente, na sala de aula, no campo educacional, como ação crítica-reflexiva, que dê ao alunado o conhecimento de uma história que marginalizou, que excluiu mulheres, mais ainda as negras, como forma de romper modos literários consagrados, temáticas curriculares fixadas, enfim sistemas educacionais ainda fechados em uma perspectiva de tradição. Essa escrita precisa ser conhecida e trabalhada em todos os espaços de construção de saberes, como a escola básica e a Universidade, em que cidadãos e cidadãs são, institucionalmente, formados.

### Referências

BARONI, Vera. Oficina: Convenções sobre a Eliminação de Todas as Formas de discriminação Racial (CERD) e contra a mulher (CEDAW) – articulando conceitos para seu cumprimento conjugado no Brasil. In: *Mulher negra: sujeito de direitos: e a convenção para a eliminação da discriminação*. Brasília: AGENDE, 2006.

EVARISTO, Conceição. Vozes- Mulheres. In: (Org.) Ed. dos Autores. *Cadernos Negros 13*. São Paulo: Quilombhoje, 1990.

FALU, Ana. Oficina: Convenções sobre a Eliminação de Todas as Formas de discriminação Racial (CERD) e contra a mulher (CEDAW) – articulando conceitos para seu cumprimento conjugado no Brasil. In: *Mulher negra: sujeito de direitos: e a convenção para a eliminação da discriminação*. Brasília: AGENDE, 2006.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 1999.

OLIVEIRA, Cloves Luiz Pereira. *A luta por um lugar: gênero, raça e classe/ Eleições municipais de Salvador-BA*. Salvador: Programa a cor da Bahia; Série novos toques: 1992.

PADILHA, Laura Cavalcante. Silêncios rompidos: a produção textual de mulheres africanas. In: REIS, Lívia Freitas de; VIANNA, Lúcia Helena; PORTO, Maria Bernadette. (Orgs.) *Mulher e Literatura*. VII Seminário Nacional. Niterói, RJ: EDUFF, 1999.

Rufino, Alzira. *Poemas*. Disponível em: [http://www.casadeculturadamulhernegra.org.br/alzira\\_poemas.htm](http://www.casadeculturadamulhernegra.org.br/alzira_poemas.htm) acesso em 28 dez. 2011.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu da Silva. (Org.) *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SOARES, Vera. O verso e reverso da construção da cidadania feminina, branca e negra no Brasil. In: GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo; HUNTLEY, Lynn. (Orgs.) *Tirando a máscara: Ensaio sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra: 2000.